



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**MAGUISON LUCAS PAULO ASSIS**

**UM TRABALHO FEMININO: O COTIDIANO DAS MULHERES NAS FRENTES DE  
EMERGÊNCIA NA PARAÍBA NOS ANOS DE 1978-1988**

**CAMPINA GRANDE  
DEZEMBRO DE 2018**

**MAGUISON LUCAS PAULO ASSIS**

**UM TRABALHO FEMININO: O COTIDIANO DAS MULHERES NAS FRENTES DE  
EMERGÊNCIA NA PARAÍBA NOS ANOS DE 1978-1988**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em História Licenciatura da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

**Área de concentração:** História Social da Cultura.

**Orientador:** José Adilson Filho

**CAMPINA GRANDE  
DEZEMBRO DE 2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A848f Assis, Maguison Lucas Paulo.  
Frentes de emergência na Paraíba e o cotidiano do trabalho feminino nos anos 1978-1988 [manuscrito] / Maguison Lucas Paulo Assis. - 2018.  
40 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. José Adilson Filho , Coordenação do Curso de História - CEDUC."  
1. Seca. 2. Frentes de emergência. 3. Seca do nordeste. 4. Mulher. I. Título

21. ed. CDD 551.6

MAGUISON LUCAS PAULO ASSIS

FRENTES DE EMERGÊNCIA NA PARAÍBA E O COTIDIANO DO TRABALHO FEMININO  
NOS ANOS 1978-1988

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada  
ao Programa de Graduação em História  
Licenciatura da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de graduada em História.

Área de concentração: História Social da  
Cultura.

Aprovada em: 05/12/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Adilson Filho (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Patrícia Cristina Aragão  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jordan Queiroz Farias  
Instituto Federal da Paraíba (UEPB)

In Memórian, a minha avó Alice Paulo. Por mais que não esteja entre nós fisicamente sua lembrança preenche nossos corações. Enquanto houver sua memória jamais será falecida. DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores que ao longo dessa jornada me nortearam para o caminho da plenitude intelectual, em especial Adilson como orientador que me ajudou de forma intensa apesar de todos os limites impostos sempre mostrou extremamente persistente com seu aluno. Ao professor Iordam do qual tenho grande admiração, me ajudou a entender vários conceitos teóricos em suas aulas. Ao professor Gladstone Carneiro, professor da rede estadual de ensino no município de Soledade, pelo comprometimento na ajuda do tema para o TCC. E pela oportunidade ofertada no estágio.

Ao meu pai Marinaldo por ser um pai excelente e ter influenciado em minha formação, a minha mãe Maria José pelo amor ofertado a cada dia e pela motivação dada sempre pela senhora, aos meus irmãos Marcos, Agnaldo, Ana Cláudia, Cassiana, Magno, por serem tão diferentes um dos outros, mas tão unidos, a minha esposa Erika que diariamente me incentiva a correr atrás de um futuro melhor e alcançar meus objetivos.

Aos meus colegas de classe do qual passei 5 anos da minha vida. Sairei com o coração machucado pelo fim de uma jornada. A todos os amigos e amigas que consegui aos longos desses anos em especial a Claudiana, Renato, Pedro, Ana Amélia, o grupo que jamais se repartiu e que levarei essa amizade desses para toda vida.

*Nem sempre houve proletários, sempre houve mulheres. (BE-AUVOIR, 1970 p. 12).*

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	08
2	INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SECA: RECORTES DA INDÚSTRIA DA SECA	10
3.1	Programas Assistenciais aos Atingidos da Seca: Frentes de Trabalho, Migrantes e Famintos em Busca de Trabalho	21
3.2	Frentes de Trabalho contra a seca, olhares sobre a vida dos trabalhadores	23
3.3	Descontentamentos: Revoltas e Saques	26
3.4	Papel Feminino nas Frentes de Emergência: Cotidiano do Trabalho e Permanência Frente ao Patriarcado	29
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	38



UM TRABALHO FEMININO: O COTIDIANO DAS MULHERES NAS FRENTES DE EMERGÊNCIA NA PARAÍBA NOS ANOS DE 1978–1988.

Maguison Lucas Paulo Assis

**RESUMO:** A seca no Nordeste sempre foi um modelador das relações sociais entre os mais ricos e os dependentes dos envios de verba para diminuição dos efeitos das secas, esse fenômeno será usado para manter uma elite oligárquica com o controle das classes subalternas, partir das frentes de emergência criadas pela União poderemos ver como as relações de poder se davam entre as partes envolvidas os que se beneficiavam com o programa e os que ficavam de fora. E o papel feminino nesse movimento usando sua força de trabalho em espaços que antes não eram aceitas devido o contexto social da época. Como a mulher conseguia usar astúcias para manter-se com sua renda garantida e como se dava esses espaços de sociabilidade em todo o interior da Paraíba em especial na cidade de Soledade-PB nas décadas de 1970 e 1980.

**PALAVRAS-CHAVE:** Seca, Frentes de Emergência, mulheres.

## 1- INTRODUÇÃO

A região Nordeste do Brasil tem um território de aproximadamente 1.808.077 km<sup>2</sup>, na qual representa 18,7% de todo território nacional com uma população 53.081.950 de habitantes, segundo o censo realizado em 2010 pelo IBGE, e estão distribuídos em nove estados diferentes<sup>1</sup>. Na área que abrange 60% do território nordestino, é conhecido por polígono das secas, tem um índice de fertilidade do solo inferior, e com as secas constantes dificultam a vida das pessoas que ali residem. Segundo CAMPOS (2004), as políticas de intervenção as secas aconteceram desde o Brasil Império, com destaque a 1877 a 1879, aquela que seria a pior seca do século com aproximadamente meio milhão de mortos. Diante desse fenômeno regional foram criados planos de governos para atender a toda essa população atingida. De início o IOCS (Inspetoria de Obras Contra as Secas), que posteriormente se transformaria em IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas) criada em 1919 e, a partir de 1945 no governo Vargas passa a se chamar DNOCS (departamento nacional de obras contra as secas), e com a fundação da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) no governo Juscelino Kubistchek, seria o órgão responsável pela maior distribuição dos investimentos do governo federal, mais que segundo a autora em grande medida o capital investido seria destinado as intervenções contra as secas<sup>2</sup>.

Nosso estudo sobre as políticas contra a seca irá destacar o papel das mulheres nesses programas, a partir das conhecidas “Cachorras Magras”<sup>3</sup>, observando o lugar social em que elas estavam inseridas, seu envolvimento tanto no recinto doméstico cuidando do lar enquanto o marido trabalhava nas “frentes”, ou trabalhando nas obras emergenciais que tinham seus investimentos financiados da União, destacaremos como se dava esse trabalho e o cotidiano, como todas essas mulheres usavam das astúcias para encontrar um equilíbrio entre o trabalho e ao mesmo tempo cuidar dos filhos que no período estudado.

---

<sup>1</sup>\*Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Orientador José Adilson Filho.

Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>

<sup>2</sup>Disponível em: CAMPOS, Nivalda Aparecida. A Grande Seca de 1979 a 1983: Um Estudo Sobre as Ações do Governo Federal em Sub-Regiões do Estado do Ceará. Ano, 2004.pág. 135

<sup>3</sup> Cachorras magras é um termo usado no cariri paraibano. Destinado as pessoas que trabalhavam nas frentes de emergência o termo se dava por conta da dificuldade do trabalho e as condições físicas que esses trabalhadores estavam do qual assemelhava ao animal citado

As políticas de intervenção do governo federal contra as secas estudadas, fixará na Paraíba na década de 1970 e 1980, em busca de relatar como se dava as experiências das mulheres nesse trabalho árduo, sendo que as sertanejas exerciam relações de poder com os empregadores, muitas vezes de forma sucinta e facilitadora para sua condição como trabalhadora.

Sob as experiências dessas trabalhadoras cria-se uma história do olhar periférico que terá imenso papel nesse trabalho a partir de Jim Sharp na História Vista de Baixo, traremos a memória dessas senhoras que viveram e participaram desse programa governamental apontando seus cotidianos, dores e resistências.

Dentre os motivos que nos levaram a estudar o tema em questão há uma relação pessoal, pois minha mãe, meu pai e alguns dos meus irmãos trabalharam nas frentes de emergência. Em busca de maiores explicações para esse fenômeno que atingiu todo o território do semiárido nordestino e nele apreender o papel das mulheres que viviam nessa região extremamente machista e conservadora, sua relação com o trabalho contra a seca, forma de alistamentos, seja em manutenção dos açudes através das políticas de açudagem, seja na área de serviços, como cozinheira ou assistente geral.

Sabendo que o tema foi pouco estudado pelos historiadores, desejamos historicizar as experiências das mulheres que participaram desse trabalho.

## **2- INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SECA: RECORTES DA INDÚSTRIA DA SECA**

O Nordeste está localizado numa área que tem em suas principais características o problema das estiagens que acontecem com frequência no território que é denominado polígono das secas. Uma extensa área que continua a aumentar seu alcance de devastação acrescentado pela desertificação, aliado ao fator climático há uma grande desigualdade social, que juntos aumentaram a taxa de miserabilidade da população carente que reside na região. Com o passar dos anos em que os períodos de seca continuavam sem trégua as populações sertanejas migravam cada vez mais ao sul atraídos por políticas implantadas no Brasil tendo em vista um estado unitário, as oligarquias do Brasil na primeira metade do século XX, segundo Oliveira.

A fundamentação do Estado unitário que prevaleceu por todo o Segundo Império e continuou, República Velha adentro, sob a forma da coligação "Café

com Leite" residia sobretudo na homogeneidade dos processos de reprodução do capital, na sua subordinação aos interesses do capital comercial e financeiro inglês e norte-americano: "coronéis" do algodão, pecuária e "barões" do café e Estado oligárquico são os agentes e a forma da estrutura do poder. (OLIVEIRA,1981, p35).

O processo de migração para o sul segundo o autor fornecia o contingente proletário para as indústrias sulistas, do qual, iria fornecer uma mão-de-obra com níveis de salários a baixo custo através de massa de trabalhadores e com a imensa quantidade de demanda de desempregados para reposição<sup>4</sup>.

Mais a partir da industrialização brasileira, que acontecera no Sudeste, as grandes cidades sofrem um inchaço populacional de modo que não estavam preparadas pra receber um contingente tão alto de pessoas, fazendo com que esses migrantes fossem construindo moradias irregulares, as conhecidas favelas, esse fenômeno começa a trazer problemas para a cidade tais como: violência, mobilidade, desemprego entre outros. No Nordeste a um êxodo rural que preocupa as autoridades. Com o objetivo de manter as populações atingidas pelas secas em suas cidades e combater o inchaço dos maiores centros urbanos, começam a ser criadas políticas de combate aos efeitos das secas, e a tentativa de melhoria de vida dos atingidos pela estiagem.

No tocante aos trabalhos de combate aos efeitos da seca tem início no Brasil Império e perdura para as duas repúblicas fato evidenciado por Nivalda Campos, que relata o período de 1877 e 1879 a maior seca relatada até então. Matando meio milhão de pessoas devido o fenômeno climático e falta de investimentos em políticas públicas para diminuição desses danos. Mas isso fez com que o estado brasileiro voltassem os olhos para a questão hídrica na região, que apesar de ser um problema regional passaria a ter o combate a esse efeito climático financiado pela união, tornando um problema político nacional<sup>5</sup>.

As primeiras políticas de intervenção começam com a construção de açudes e perfuração de poços, no Nordeste a falta d'água como seu fator primordial, a criação de reservatórios é considerado em primeiro momento a principal ação governamental. Fato bem evidenciado nos livros "Notas sobre a Parahyba" de Irineo

---

<sup>4</sup>Disponível em: OLIVEIRA, Francisco de Elegia para uma Re(li)gião.1981, p. 37.

<sup>5</sup> Disponível em: CAMPOS, Nivalda Aparecida. **A GRANDE SECA DE 1979 A 1983: Um Estudo de Caso das Ações do Governo Federal em duas Sub-Regiões do Estado do Ceará (Sertão do Central e Sertão dos Inhamuns).** Teoria e Pesquisa 44 e 45, Campinas, 2004.

Jofilly e “Parahyba e Seus problemas” de José Américo de Almeida, que levam o problema das secas do Nordeste como seu principal objetivo de combate, a construção de açudes em toda a área atingida, mas que não tinha tanta eficácia devido principalmente o fato que os açudes construídos ficavam em terras dos coronéis das regiões ou de um político influente e o acesso ficava limitado apenas para o dono da terra, ou quem ele quisesse, esse fato é muito estudado por José Américo que vem trazer uma análise a respeito das práticas de açudagem que aconteciam no Nordeste e que levavam muitos habitantes a submissão devido ao poder exercido do patrão, por manter um bem tão precioso para o semiárido.

A continuação das períodos de seca passavam pela república e a população continuava sofrer com a estiagem e a falta de investimentos no tocante assunto, para atender com mais eficiência a população é criado o IOCS (Inspetoria de Obras Contra as Secas), em 1909. Esse novo departamento traria a questão das secas com o interesse de toda a nação em busca de uma igualdade entre todas as regiões do país, mais que segundo Renan Silva (2017), essa política implementada no Nordeste fez com que as grandes oligarquias perpetuasse seu poder, segundo autor.

A criação do IOCS em 1909 a seca deixa de ser apenas um problema de falta de água, que ocasiona dificuldade regional, tornando-se um bloqueio para o movimento de modernização que afeta a região e a nação, isso coloca como um problema nacional, responsável pelos problemas sociais e econômicos, quando na verdade seu papel é de agravante do que já acontece neste espaço. Assim o discurso técnico pensava em uma utopia que foi agravada pelo discurso oligárquico e que já foi citado acima o de combate permanente de seca, dessa maneira seria possível igualar a situação entre as regiões do país, sendo possível uma modernização por completo. A prioridade do discurso técnico para combater a seca e principalmente do mercado externo, beneficiando a hierarquia de poder já existente, prolongando ainda mais o descaso com uma vasta camada populacional que sofre com os problemas sociais e econômicos. (SILVA,2017, p. 32).

As oligarquias afetou muita gente, entre o beneficiamento de algumas famílias de maior prestígio e exclusão de uma grande massa de pessoas, na sua maioria agricultores que dependiam dos subsídios e auxílios governamentais. Ferreira (1993), trata as políticas de ação governamental frente a seca em três fases A) humanitária, que consiste em envio caritativos aos flagelados da seca. B) de reconhecimento, que seriam os primeiros estudos e organizações para agir de forma eficaz. C) de intervenção, a partir das criações de órgãos destinados a diminuir os

efeitos da seca. (FERREIRA, 1993:16).

O coronelismo existente no Nordeste, tendo sua hegemônica predominância na Primeira República, apesar do Brasil adotar um regime republicano e abranger a quantidade de eleitores aptos ao voto, isso não diminuiu o poder das famílias dominantes que continuavam mantendo suas maiores representações no parlamento, a base da antiga estrutura eleitoral se alargava, porém, os chefes locais e regionais se mantiveram no poder e continuaram a eleger seus parentes para as câmaras e para as presidências dos estados e para o senado<sup>6</sup>.

A busca por maior participação no congresso nacional com figuras que representassem o Nordeste e em especial a questão das secas era algo de extrema importância para as estruturas oligárquicas. Mas era muito comum o impasse das representações do Norte, vale lembrar que a economia brasileira influenciava na política e vice e versa, sendo que a chamada política do Café-com-Leite atrelava as duas grandes potências econômicas do país, São Paulo que tinha o café como seu principal produto de poder e Minas Gerais que detinha o título da bacia leiteira do país e também produzia café mais em uma escala bem menor que a primeira, ambas tinha ampla representação em deputados e senadores fazendo com que os interesses dos demais Estados ficassem em segundo plano. O quadro abaixo ilustra bem a representação política de cada Estado.

**QUADRO I**  
**CONGRESSO NACIONAL: REPRESENTAÇÃO DOS ESTADOS E DO DISTRITO**  
**FEDERAL - 1922**

	<b>ESTADOS</b>	<b>DEPUTADOS</b>	<b>SENADORES</b>	<b>%</b>
1	Minas gerais	37	03	14,6
2	São Paulo	22	“	9,2
	Bahia		“	

<sup>6</sup> Disponível em: FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. Raízes da Indústria da Seca: O Caso da Paraíba. João Pessoa, 1993, p.22.

3		22		9,2
4	Rio de Janeiro	17	“	7,3
5	Pernambuco	17	“	7,3
6	Rio Grande do Sul	16	“	7,0
7	Distrito Federal	10	“	4,7
8	Ceará	10	“	4,7
9	Maranhão	07	“	3,6
10	Pará	07	“	3,6
11	Alagoas	06	“	3,3
12	Paraíba	05	“	3,0
13	Amazonas	04	“	2,5
14	Piauí	04	“	2,5
15	Rio Grande do Norte	04	“	2,5
16	Sergipe	04	“	2,5
17	Espírito Santo	04	“	2,5
18	Santa Catarina	04	“	2,5
19	Goiás	04	“	2,5
	Paraná		“	

20		04		2,5
21	Mato Grosso	04	“	2,5
	<b>TOTAL</b>	<b>212</b>	<b>63</b>	<b>100</b>

FONTE: Almanach, Histórico, Mercantil, Industrial, do Estado da Parahyba, 1922:98.

Não é por mera casualidade que o poder político ficava nas mãos dos estados sulistas que detinham maior representação e faziam alianças entre si, mantendo os interesses dos estados dominantes e aliando-se com oligarquias de menor representação afim de alcançar maioria absoluta.

Por outro lado, a região Norte-Nordeste vinham perdendo sua força devido à crise econômica e sua representação por Estados não estava unida (FERREIRA,1993). Roberto Levine apresenta a participação do Norte da seguinte forma.

A estratégia federal de Pernambuco fundava-se na crença de que, se conseguisse unir as bancadas dos estados do Norte, teria poder suficiente para fazer-se ouvir. Mas a rivalidade econômica e a desconfiança mútua entre esses aliados em potencial opunham-se ao êxito de tais esforços, e o sonhado bloco Norte-Nordeste jamais tomou forma efetiva no Congresso, malgrado a identidade regional tantas as vezes decantada pelos intelectuais da área (Apud, LEVINE. 1980: 189).

Com essa divisão entre os Estados do Norte e do Nordeste ainda não tinha sido feita de forma concreta, era clara as diferentes culturas e tradições dos demais Estados, sem um entendimento entre as forças do Norte-Nordeste e com a queda na economia açucareira e algodoeira (principais produtos produzidos no Nordeste), só aumentava ainda mais o distanciamento do poder nas mãos das oligarquias nordestinas. O quadro abaixo mostra a participação dos principais produtos brasileiros na receita e a inversão no quadro da economia regional e nacional.

## QUADRO 2

### PARTICIPAÇÃO DO ALGODÃO, AÇÚCAR E CAFÉ NA RECEITA BRASILEIRA

(% sobre o total da exportação)

<b>PRODUTO</b>			
----------------	--	--	--



	1821/23	1971/73	1912/14
Algodão	25,8%	16,6%	2,9%
Açúcar	23,1%	12,3%	0,3%
Café	18,7%	50,2%	60,4%

FONTE: Apud LEFF, N. Desenvolvimento econômico e desigualdade regional: origens do caso brasileiro. **Revista Brasileira de Economia**, 1972:12

O café como o sustentáculo da economia republicana e o grupo hegemônico sendo constituído de cafeicultores, o governo brasileiro adota uma política protecionista voltada para o setor cafeeiro<sup>7</sup>. No nordeste com sua economia em crise e sem conseguir nenhuma medida de proteção, voltou seu discurso a utilizar os períodos de estiagem para reivindicar ajuda financeira da União e iniciando uma industrialização da dependência de recursos do estado para manter em pé as estruturas econômicas nordestinas e com esse mantendo a supremacia das oligarquias dominantes do Nordeste, gerando a continuação das desigualdades existentes na região, os grandes proprietários e políticos da época era quem se beneficiava com o discurso da seca, o que antes era um problema regional a partir da institucionalização do combate à seca se torna um problema nacional e digno de financiamentos para combater o problema. Mas, a seca enquanto enriquecia um grupo pequeno de indivíduos outros milhares continuavam flagelados, vale ressaltar que o interesse político da Primeira Republica era manter a política de proteção do café e segundo Maria de Fátima Ferreira (1993 p.53) “a estrutura montada não abria grandes brechas, a não ser para a concessão de alguns favores políticos que não alteravam a relação hegemônica de uma fração da classe dominante sobre as demais”.

Com o paraibano Epiácio Pessoa chegando a presidência do Brasil conseguiu dar um tratamento preferencial ao Nordeste, mas atendendo principalmente as reivindicações do Sul. Em 1919 o IOCS recebe mudanças em sua estrutura e passa a se chamar IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as

<sup>7</sup> Disponível em: FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. Raízes da Indústria da Seca: O Caso da Paraíba. João Pessoa, 1993, p.30.

Secas), e mantém as políticas de combate à seca e diminuição dos flagelados, mas também garantia a maior parcela das elites oligarcas nordestinas no poder, as famílias exerciam o poder político local e detinham a força econômica, nesse caso, “o conflito de classes era insignificante, devido à pressão da elite para o acesso da classe camponesa à terra, ao crédito e ao mercado. Desse modo, o conflito político era um fenômeno largamente confinado à elite” (Apud, LEWIN, 1979. p.8).

A busca pelo combate à seca e a modernização se intensifica com a ascensão ao poder federal do presidente Epitácio Pessoa, realizando várias mudanças para que o polígono das secas fosse mais bem atendida por meios de incentivos permanentes a essas áreas e não só no momento da ocorrência do fenômeno natural como era realizado antes pelas políticas públicas e as mobilizações realizadas pelos jornais do Sul com campanhas de arrecadação de suprimentos para socorrer os flagelados do Norte. No governo do paraibano ocorre o fortalecimento do órgão que atende o espaço que sofre com as secas, passa a se chamar IFOCS no ano de 1919, são mobilizados recursos para o processo de açudagem que já era requisitado há anos pelos oligarcas e a bancada do Norte, mas que serviu de instrumento de fortificação do poder local, pois grande porcentagem desses açudes foi construída em terras particulares sem que houvesse a desapropriação pelo estado para atender a população pobre que sofria pelos percalços sociais e econômicos, mas também pela falta d'água, acarretando ainda mais o estado da miséria que ocorria e que era desejo dos dominantes na sua obtenção de favorecimentos para a manutenção da indústria da seca que se instaurara com inspetoria contra as secas (SILVA,2017).

Como o Nordeste não passou ou pelo menos teve um processo de desenvolvimento mais retardado em relação ao processo de modernidade, contribuiu para uma versão estigmatizada da região. Segundo José Adilson Filho(2014).

O próprio nordeste brasileiro fora inventado como o *locus*, por excelência, da permanência de valores arcaicos e antimodernos. E, com efeito o interior (os agrestes e os sertões) seria sua parte mais reacionária por ser constituído de valores, tradições e hábitos totalmente resistentes aos signos da modernidade (ADILSON FILHO, 2014 p.144).

A permanência das estruturas arcaicas no Nordeste para manter uma elite agrária no poder dominante aumentou ainda mais as desigualdades sociais que já existiam na região aliado as estiagens prolongadas dificultando ainda mais a vida dos habitantes dos sertões e dos agrestes nordestinos que eram os mais afetados.

Muitas das políticas de socorros públicos agiam para beneficiar uma minoria da população. Segundo Roger Cunnif não há dúvida que a seca de 1877 deu início as indústrias da seca (Apud. Cf. 1975:72). Que aconteciam os desvios de

verbas e gêneros alimentícios por membros das comissões de socorros públicos, juntamente com tropeiros e comerciantes, e um nível mais amplo, com a conscientização dos representantes nordestinos no sentido de aproveitar e usar as secas como meio de conseguir investimentos governamentais para a região<sup>8</sup>.

No fim do governo Vargas, em 1945, o IFOCS passa a chamar DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), tinha como objetivo acabar com todos os focos de seca no país, é bem notável que sua atuação predominou na região do polígono das secas. Mas sua atuação no semiárido foi dominado pela elite regional que serviu aos interesses dos grandes proprietários rurais acabando, portanto, por permanecer durante décadas nas mãos de políticos oligárquicos (BARRETO,2009). Mas segundo Renan de Oliveira Silva, com a saída de Epitácio da presidência os investimentos no combate à seca deixam de ser um ponto prioritário, apenas com Getúlio Vargas no poder é que os incentivos e recursos voltam a questão da seca no Nordeste através do DNOCS, que tinha sua atuação nas regiões do semiárido, mais precisamente na área denominada de polígono das secas, a atuação desse órgão só elevou o estado de pobreza e de estagnação da região, pois mantinham as mesmas relações de dominação das elites sobre a grande parcela de pobreza do espaço, que mudavam os títulos concebidos, mas mantinham as mesmas relações tradicionais de mandonismo (SILVA, 2017 p.34).

O autoritarismo está muito concretizado na região Nordeste e tem maior alcance devido os efeitos naturais do clima aliado a uma dependência da União em investimentos ou socorros em momentos mais difíceis e uma desigualdade social alarmante, fato esse que os investimentos enviados para o combate à seca era usado pelas classes dominantes para manter suas fortunas e a dependência de outros a seu assistencialismo. O paraibano José Américo de Almeida no livro “A Paraíba e seus Problemas” que teve sua primeira edição em 1923, o autor denuncia o flagelo existente na Paraíba, faz uma crítica aos envios de verbas para socorro dos flagelados na segunda metade do século XIX, mostrando suas falhas e nas obras contempladas, em maioria beneficiava os chefes políticos locais, além de consumirem enormes quantias em dinheiro não, obedeciam as condições necessárias condições técnicas de construção, ou eram feitas em propriedades privadas, o que levava a população aos interesses de cada proprietário das terras

---

<sup>8</sup> Disponível em: Disponível em: FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. Raízes da Indústria da Seca: O Caso da Paraíba. João Pessoa, 1993, p.61

onde as obras eram construídas (SILVA, 2014 p. 661). Abaixo um quadro sobre a açudagem particular na Paraíba.

**QUADRO 3**  
**AÇUDAGEM PARTICULAR NA PARAÍBA: ESTUDOS DA IFOCS (1919/1922)**

MUNICÍPIO	AÇUDE	PROPRIETÁRIO	DATA
A. do Monteiro	Olho d'água	Adolfo Mayer Samuel	1922
Bananeiras	Lázaro	Bazílio P. de Melo	1921
Catolé do Rocha	Santana do Sabugi	Samuel da S. Machado	“
Conceição	Figueira	José Cardoso Sobrinho	1922
Patos	Jatobá	Francisco Lustosa Cabral	1921
	Sátiro	Miguel Sátiro de Souza	“
	Maria da paz	Sebastião H. da Nóbrega	1922
Piancó	Calunga	José P. de Alencar	“
Pombal	Oriente	José Ferreira Queiroga	1921
Princesa	Varzinha	João F. Silva Sidônio	“
S. J. do Cariri	Ponta da Serra	Vicente N. Batista	1922
	Forquinha	Manoel Gaudêncio Queiroz	“
S.J. do R. do Peixe	Santana	Pedro Cirilo de Sá	1921
	Formigueiro	Sabino Gonçalves	“
Soledade	Quixundi	Temístocles Nóbrega	1922
	Catolé	José Ferreira Tavares	“
	S. Bento	José Costa de Araújo	“
	Pedro Tavares	Pedro Tavares Cavalcante	1921
Souza	Tijuca	Tiburtino Gomes de Sá	1922

Taperoá	Pimenta	Pedro Fernandes Pimenta	“
Umbuzeiro	Panos	Antônio da Silva Pessoa	1921

FONTE: Abud. IFOCS. **Relatórios dos trabalhos executados durante os anos de 1920, 1921e 1922.**

As permanências dos coronéis a partir da tomada do poder nos Estados, seus processos burocráticos de clientelismo e o assistencialismo mantiveram a população dependente pois a maioria dos investimentos que vinha da União não eram investidos em projetos sociais, mais para benefício da elite agrária que usava da assistência e aos carentes para manter a população em seu controle e com isso garantindo a permanência no poder regional através dos meios republicanos. O Brasil assumiria duas formas de acumulação capitalista para as elites e a manutenção do conservadorismo político (ADILSON, 2014. p. 153). Com isso o governo federal em muitos dos casos gastava mais para combater o nível de flagelo da população do semiárido do que arrecadava. Em períodos de seca os investimentos eram essencialmente emergenciais de subsídio ao consumo e não de patrocínio de investimentos produtivos, seus efeitos tinham o cunho imediatista e clientelista e na maioria dos casos os serviços prestados nas frentes de emergência atingiam as propriedades de grandes latifundiários ao invés de contribuírem para melhorias coletivas, o que contribuiu para consolidar as velhas estruturas socioeconômicas e políticas perpetuadoras de miséria.

Os investimentos que foram enviados para a região Nordeste sempre tiveram em seus principais motivos por conta de sua condição climática, isso fez com que as políticas de financiamento de combate à seca fosse o principal motivo pelo qual as lideranças políticas do Nordeste reivindicarem mais recursos destinados a região. A problemática hídrica como principal fator de investimento começa a mudar a partir de 1958, no governo de Juscelino Kubitschek, foi mobilizado um grupo de intelectuais para estudar tal fenômeno e dar uma solução aos moldes da política desenvolvimentista que o mencionado presidente tanto defendia. Assim foi criado o GTDN (Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste) tendo como membro fundador o economista Celso Furtado.

Com os estudos realizados foi constatado que os problemas dessa região não passava apenas pela questão hídrica e chegava ao meio social, em muitos

séculos se instalara na região, o que levava a concentração de grandes latifúndios, recursos econômicos e políticos nas mãos de poucos. Para buscar construir uma mudança nesse quadro de desigualdades foi criado a SUDENE (Superintendência de desenvolvimento do Nordeste), que tinha como objetivo tirar todo o atraso que havia sido construído ao longo de todos esses anos de políticas sem resultados plausíveis, o DNOCS nesse momento ficou responsável pelas obras de aproveitamento da água e projetos agrícolas que visassem a melhoria na situação social e aprimorasse a modernização.

Os interesses da SUDENE iam de encontro aos interesses dos políticos conservadores do nordeste, mas foram aprovados no congresso, em seguida seus esforços no Golpe Militar de 1964 e a instalação da ditadura, que era apoiada pelos conservadores de todo o país, muitos deles como no caso do nordeste que mantinha seus poderes através de grandes latifúndios (SILVA,2017 p.34).

A Sudene diferente dos outros órgãos criados não visava apenas a questão da seca no Nordeste, mais buscar uma política de incentivo a industrialização da região, o plano seria fazer com que o Nordeste se tornasse um polo de desenvolvimento industrial, atingindo toda a sua área e não somente a região semiárida. Segundo Araújo (2000), a prioridade desse política era implantar uma indústria a base dos recursos naturais e voltada pra atender o mercado nordestino, esse projeto visava combater o atraso orquestrado a vários anos pelas famílias oligarcas, a proposta é uma espécie de industrialização substantiva de importações que visava a diminuição do desemprego urbano e criar uma nova classe dirigente para a região em um processo de industrialização comandado por agentes regionais.

Segundo Oliveira (1981) o planejamento da Sudene fora criada aos moldes do capitalismo o que beneficiava muito mais as classes dominantes que os flagelados, as elites nordestinas ainda de acordo com o autor queriam manter-se paralelas as elites do Sul, para isso o programa de desenvolvimento do Nordeste auxiliaria a manter os poderosos em um espaço nacional somada as outras em um processo de expansão capitalista, esse poder capitalista que se espalhara pelo país e chegara no Nordeste tinha algumas consequências para as estruturas fundiárias das regiões.

A SUDENE será um mecanismo de destruição acelerada da própria economia

regional nordestina, no contexto do movimento de integração nacional mais amplo; podendo mesmo, no limite, o Nordeste permanecer ainda por largos anos como Irlanda no Brasil (OLIVEIRA, 1981 p.113)

De um modo geral os órgãos de combates aos efeitos desiguais da seca, tiveram vários estilos e tempos, tem início no Brasil Imperial com as políticas mais voltadas a formas caritativas de envios aos atingidos pela seca, depois com a criação do IOCS que inaugurava um fator climático regional como uma questão nacional, e o IFOCS com os estudos direcionados a melhor atuação a seca e pelo DNOCS que até hoje atua mais com uma força muito menor por conta de vários investimentos que apesar de favorecer principalmente a elite agrária trouxe muitos benefícios para a população, a partir da contribuição da Sudene que mostrara o problema da seca como algo que não poderia ser mudado, mas que através de políticas públicas bem definidas conseguiram melhorar as condições de vida naquela região, mostrando o nordestino adaptando ao ambiente em que ele vive e encontrando melhores meios de gerar uma economia sustentável.

### **3.1 Programas Assistenciais aos Atingidos da Seca: Frentes de Trabalho, Migrantes e Famintos em Busca de Trabalho**

Como já foi mencionado após o declínio das duas forças produtoras da economia nordestina, a cana de açúcar e o algodão, e uma política de centralização do poder republicano nas mãos dos barões no café e do leite no Sul do país, para manter as oligarquias regionais sob controle e permanência de suas riquezas frente a uma crise regional ocasionada pelo novo poder vigente, as poderosas famílias detentoras do poder no Nordeste começam a elaborar discursos de fragilidade de sua região devido a problemática hídrica que contemplava boa parte do Norte e que serviria segundo Muniz de Durval Albuquerque como legitimador de uma separação de um Norte que antes era visto apenas como igual leste a oeste do Brasil em toda sua plenitude. Segundo o autor, o discurso de combate à seca criava um sentimento de nordestinidade que seria criado a partir da grande seca de 1878 assolaria toda região<sup>9</sup>, a seca construiria a identidade do povo nordestino.

---

<sup>9</sup>Disponível em: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. A Invenção do Nordeste e outras artes. 5.ed.- São Paulo: Cortez, 2011.



O termo Nordeste é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919. Neste discurso institucional, o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal. O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produtos imagético discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito desse fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio a colocá-la como o problema mais importante desta área. Estes discursos, bem como todas as práticas que este fenômeno suscita, paulatinamente instituem-no como um recorte espacial específico, no país. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 81)

Com as migrações em massa de famigerados ocasionados pela seca, muitos morriam nas cidades ou quando conseguiam chegar aos grandes centros, inundavam as cidades de famintos, em primeiro momento serviu para o barateamento da mão de obra nos cafezais paulistas, mas causavam grandes prejuízos sociais e urbanos, como o aumento da criminalidade, grave problema em habitações irregulares o que levava a condições de vida desumanas, para combater os inchaços nos grandes centros urbanos nacionais e também nas capitais dos estados foram pensadas frentes produtivas de trabalho, que seria usada a mão de obra com custo baixíssimo para os órgãos públicos e privados, mantendo o nordestino, principalmente o agricultor numa região na qual estava habituado, tendo como objetivo construções de obras públicas e privadas de desenvolvimento da região, mesmo as regiões que gozavam de relativa prosperidade sofriam com os flagelados que enchiam as cidades em busca de trabalho ou mesmo alimentos para sobrevivência. Segundo Fátima Ferreira (1993) as cidades mesmo próximas do litoral da Paraíba tiveram sua economia desequilibrada, os municípios mais visados pelos retirantes eram Campina Grande, Areia, Mamanguape, Guarabira, e a capital da província.

Os flagelados amontoavam-se que nem bichos, no saguão do convento de S. Bento, na casa do Mercado, no edifício da Escola Pública e em palhoças improvisadas no terreno que ficava ao fundo do palácio presidencial. E um número perambulava ao desabrigo e dormia ao relento. Os que haviam visionado uma assistência conformadora, como termo as contínuas destitutas, experimentavam apenas chegados o malogro dessa última esperança. (Apud. ALMEIDA, 1980:193).

Esses acontecimentos não ocorriam de forma isolada e era comum grandes grupos de retirantes inundar cidades onde haviam obras do DNOCS, em período de seca milhares de pessoas saíam de sua terra natal em busca de ocupação, as obras públicas tornaram-se pontos de concentração de flagelados, o



problema ocorria porque muitas das vezes a quantidade de vagas não atendia a imensa quantidade de trabalhadores que encontravam-se na região causando tensão e muito descontentamento por parte das pessoas que ali estavam. Segundo Lara de Castro as relações entre pobreza e chefes do poder local não só era de submissão do primeiro ao segundo, mas em momentos de grande insatisfação popular os líderes políticos buscavam encontrar meios que diminuíssem os conflitos existentes.

As crises climáticas ataçavam uma estrutura de poder movimentada pelas instituições de combate às secas, coronéis e autoridades políticas. É comum encontrar fontes que tratam das negociações entre prefeitos, governadores, deputados e Departamento das Secas, cobrando obras para os “seus lugares”, verbas de socorros em tempos de secas e trabalho para os retirantes. As autoridades tinham receio dos sujeitos “sem trabalho”. Era o medo de um levante geral da pobreza. (CASTRO, Lara 2011. p.10).

### **3.2 Frentes de Trabalho contra a seca, olhares sobre a vida dos trabalhadores**

O programa de frentes de emergência foi implementado em toda a região Nordeste principalmente em Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, pois esses estados eram os que mais sofriam com os longos períodos de estiagem e que tinha uma oligarquia extremamente sólida no poder regional, tendo como principal estratégia a reivindicações por socorros públicos afim de manter seu capital seguro e a população mais carente não fugisse devido à seca prolongada mantendo os trabalhadores nas regiões de nascimento e perpetuando o seu curral de pessoas dependentes das elites oligarcas. Essa indústria era vista em dois níveis segundo Lúcia Ferreira (1993): o local que ocorriam os desvios diretos de verbas e gêneros alimentícios por membros das comissões de socorros públicos juntamente com tropeiros e comerciantes, e por um nível mais amplo com a conscientização dos representantes nordestinos no sentido de aproveitar e usar as secas como meio de conseguir investimentos governamentais na região (FERREIRA, 1993. p. 61).

Os casos de irregularidades nos programas de combate à seca são vastos, e desvios são comuns na história das secas, como aponta Renan de Oliveira. Várias inscrições indevidas de políticos e parentes passaram a estampar as páginas do Diário da Borborema com frequência, como o caso de vereadores inscritos na cidade de Soledade, em São Mamede a suspensão de alistamento por problemas técnicos entre o chefe da EMATER e lideranças políticas da região e em Riacho dos

Cavalos medidas mais extremas (SILVA, 2017. p.66).

Após constatar uma série de distorções nas frentes de emergência, entre elas a nomeação de um filho do próprio prefeito, Juhandy Suassuna, o governo do Estado autorizou ontem à tarde o secretário de Agricultura, Marcus Baracuhy a desativar a frente no município de Riacho dos Cavalos, no alto sertão paraibano. Além da inscrição do filho do prefeito constatou-se também a existência de pressões políticas para que fossem feitos alistamentos não muito recomendáveis, o que teria irritado o governador Tarcísio Burity, que determinou a suspensão por tempo indeterminado de qualquer alistamento no município. (Apud. DIÁRIO DA BORBOREMA, p.1, 04 de nov. 1981).

Desvios no repasse de pagamento dos emergenciados era comum o que trazia prejuízo para os cofres públicos e principalmente para a população atingida. Na cidade de Soledade também foi encontrado irregularidades em doações feitas pela região Sul do país, como o caso da doação feita pela população da cidade de Soledade no Rio Grande do Sul, que por solidariedade mandara uma carreta de mantimentos e vestuário para a população que sofria com a seca, mas essas doações nunca chegaram nas populações mais pobres, ficavam para as elites políticas regionais. Alistamentos fantasmas e cadastros de pessoas que já haviam morrido eram práticas existentes no período de intervenção.

Como a ideia do plano de emergência era manter os moradores do interior na sua terra muitos políticos locais tentavam trazer frentes de trabalho para manter a população ocupada e evitar confrontos e saques, as páginas do *Diário da Borborema* mostra a insatisfação do prefeito da cidade de São Vicente do Seridó, busca melhores soluções para o problema da população atingida.

O prefeito Severino Cordeiro Martins, em entrevista concedida a reportagem se mostrou bastante preocupado com a situação calamitosa que atravessamos, especialmente com o problema de falta d'água tanto na zona urbana quanto na rural, fomos forçados a recorrer aos poderes competentes para que dada uma providência urgente para o caso, pois se não for tomada uma medida imediata, nosso município será palco de cenas sinistrantes e desventurosas, com perda de rebanhos além do costumeiro êxodo rural, que já vem verificando há alguns meses, onde o homem do campo abandona suas terras a procura das grandes cidades, onde possa conseguir um meio de vida melhor. (Apud. DIÁRIO DA BORBOREMA, p. 5, 5 de fev. 1980).

Nas cidades circunvizinhas entre Soledade a busca pra diminuir o êxodo era constante e os políticos locais apelavam aos representantes estaduais por maiores investimentos nas regiões principalmente no combate a falta de trabalho na região. Em busca pela instauração da emergência na cidade de Gurjão apela.

O vereador Wilson de Farias Ramos, estará viajando a capital do estado, ainda esta semana, onde irá pedir ao governador Tarcísio Burity, providências imediatas para o problema da seca neste município.

[...]. No tocante a situação de desemprego, Wilson Farias disse que a única salvação de seus municípios, seria a criação imediata de frentes de serviços, uma vez que os habitantes deste município, estão aos poucos se transferindo para os outros centros a procura de emprego, e com a aplicação das frentes de serviços, esse problema seria sanado.

Ele, se congratulou com o deputado Manoel Gaudêncio, pelo trabalho que aquele parlamentar vem fazendo em benefício dos seus munícipes, uma vês que se mostra bastante preocupado com os problemas da seca da região do cariri paraibano. (Apud DIÁRIO DA BORBOREMA, p. 5, 13 de maio de 1980).

Em todo o Nordeste acentuava-se a situação de calamidade pública a medida em que a seca perdurava, o que impossibilitava as atividades agrícolas e a pecuária, as principais atividades econômicas da região do agreste paraibano, essa estiagem levava aos não contemplados com o programa de emergência tomarem outras medidas fossem adotadas como a migração para os grandes centros, mesmo os que conseguiam trabalho na emergência tinham grande dificuldade em manter sua família com as necessidades básicas mantidas, até porque nem mesmo os programas de assistência do governo era suficiente. Segundo SILVA (2017) passados dois anos os trabalhadores só recebiam 82 cruzeiros por dia trabalhado, quantia insuficiente para comprar alimentos de primeira necessidade, e em muitos casos as famílias dos trabalhadores eram numerosas.

A política adotada em período de seca, seria um programa governamental implantado para amenizar ou eliminar conflitos sociais inevitáveis que explodem quando boa parte da população está com grau de subsistência comprometido. O programa tem como objetivo atender as pessoas em situação de calamidade pública, com mantimentos básicos, abastecimento d'água e geração de renda, tal política é estabelecida a partir de pressões da população que tem seu suporte alimentar afetado. (FICHER, ALBUQUERQUE, 1998).

As atividades desempenhadas pelos emergenciados normalmente estavam ligadas ao campo e agricultura, como a construção, recuperação e limpeza de cisternas, tanques, barreiros, açudes e aguadas; construções de residências em área rural, reformas em prédios públicos, fabricação de telhas e tijolos a serem utilizados nas obras e produção de brita e paralelepípedo, para a construção de asfaltos, havia também atividades urbanas comuns como construção de prédios

públicos, limpeza de áreas públicas e construções de asfaltos, tanto homens como mulheres trabalhavam nesses serviços sendo os do setor da construção civil os mais comum aos homens. Exemplo disso foi a construção da rodovia PB-177, que liga a cidade de Soledade à Picuí, centenas de pessoas trabalhavam na obra a grande maioria homens mais que tinha mulheres no serviço, em sua maioria trabalhando como cozinheira ou trabalhos que não dependiam de muita força muscular para serem desempenhadas.

### **3.3 Descontentamentos: Revoltas e Saques**

As condições de trabalho nos campos de serviço eram extremamente precárias devido a ineficiência dos recursos governamentais que eram escassos e além do mais sofriam sangrias até chegar às mãos dos trabalhadores, o que desestimulava os emergenciados que provocavam tumultos devido a renda que já era pouca e além do mais atrasava constantemente, o que levou aos movimentos de saques, que consistia em grupos de famigerados em busca de sobrevivência, saqueando as feiras públicas por não ter mais o mínimo de alimentação possível para alimentar sua família, por mais que esse fenômeno seja visto como ilegal em tempos de seca extrema nem sempre esse movimento era coibido pela polícia local por se tratar de condições maiores que o roubo. Segundo Lara Castro (2011).

As invasões, saques, ameaças – dos sujeitos pobres em tempo de seca tem legitimidade na sociedade, o que garante conquistas. A justificativa da fome dava legitimidade à essas manifestações que por isso não eram enxergadas como crime, isso já era um artifício da cultura de negociação dos trabalhadores-retirantes em tempo seca, mais as ações com a intervenção da polícia é uma nova questão. (CASTRO, 2011. p.12.).

Os saques se tornaram uma forma pela qual as multidões conseguiam protestar segundo Thompson (1998), os motins de fome que ocorriam na Inglaterra eram ocasionados, nos tempos de escassez, pelo aumento dos preços dos alimentos e pelos maus procedimentos dos comerciantes que feriam que era o consenso popular. A partir daí Thompson, formula que as ações das mulheres e homens da multidão que participavam de motins de fome e afixavam os preços dos alimentos agiam de acordo com o modelo paternalista tirando dele aquilo que favorecessem aos pobres na compra de alimentos.

Em todo o Nordeste os flagelados ocupavam as frentes das prefeituras

municipais, casas dos prefeitos ou interrompiam o trânsito de determinadas rodovias em busca de uma solução para seus problemas, com a seca agravando, as pessoas ficavam desesperadas sem ter nenhuma renda para manter sua família, mesmo as pessoas que eram inscritas nas “cachorras magras” passavam por necessidades porque a quantia em dinheiro era baixa ou as vezes era paga em cestas básicas, mais que não atendiam as necessidades primárias, e tudo agravava com os atrasos repentinos no pagamentos dos alistados, fato mostrado Gladstone Carneiro em seu Trabalho de Conclusão de Curso, vem mostrar como os movimentos de saques ocorreram no semiárido em especial na cidade de Soledade.

Saqueadores nas ruas causavam tensão e medo aos moradores da cidade e à classe dominante. Era uma estratégia que eles utilizavam para demonstrar a situação que se encontravam, com a possibilidade de repercussão na imprensa perante as autoridades governamentais. Em frente à prefeitura, a multidão, como forma de pressionar as autoridades, tentavam negociar com o prefeito, visando uma alternativa política diante das condições de vida que se encontravam os pequenos agricultores e desempregados. Os jornais da época comentam como os movimentos dos “saques” vinham ocorrendo em toda a região do cariri. (Apud. Diário da Borborema. Fome e a miséria. Campina Grande-PB. 14 de outubro de 1983).

O prefeito de Soledade nos anos de 1982 à 1988, Marinaldo Castelo Branco em informação contada relata a dificuldade em que passava os serviços assistenciais e cobrava soluções ao então governador do estado Burity, pois a situação em que encontrava o município era de ameaça à ordem pública. Castelo Branco relata.

Tive que entrar em contato com o governador da época, Burity [...] para ver se conseguia alguma coisa para conter a situação, alimentos frentes de emergência [...] em 1983 a situação do município estava cada vez mais se agravando com a seca. Na década de 80 houve dois ataques na feira semanal de Soledade. O primeiro em 1983 e o outro em 1987. Vários fatores contribuíram para ações dos saques, porém, os mais importantes, posso citar a seca, a fome e uma motivação política. (Apud. Marinaldo Castelo Branco, setembro de 2006, informação verbal).

Os ataques não se restringiam apenas as feiras livres semanais como também a estabelecimentos comerciais e ao caminhão da COBAL (atualmente CONAB), que continham produtos de necessidade básica pelo preço subsidiário, mas os comerciantes locais quando sabiam que os funcionários da empresa estavam na cidade os avisavam que a multidão faminta planejava saquear o caminhão, os empregados da estatal temendo tal conduta partiam em retirada. Esse

fato gerava revolta na população carente que entravam em desespero e atacaram a feira como uma espécie de protesto contra os comerciantes, através desses encontros de desordem e desespero os trabalhadores rurais articulavam os saques na feira livre, aliado as pressões entre os comerciantes que estavam sem receber as compras feitas pelos trabalhadores e os salários atrasados nas frentes de emergência vinha a insatisfação. José Valdir de Souza era presidente da comissão que formava o sindicato dos trabalhadores rurais do município em 1988, ele relata que os saques existentes estiveram extremamente relacionados ao atraso no pagamento da frente de trabalho.

Em 1993, houve um saque. Eu fazia parte da comissão que formava o sindicato rural de Soledade. A comissão era responsável para efetuar o pagamento da emergência [...] um dos membros da comissão se deslocou até João Pessoa para pegar os contracheques. O mesmo não retornou a Soledade no dia determinado para efetuar o pagamento que já completava sessenta dias de atraso [...] no campo já não haviam mais outra forma de viver porque a escassez de alimentos e água não permitia o homem do campo criar galinhas, cabras ou ovelhas. [...] Cícero Irineu, morador do sítio cardeiro, homem de estatura forte vendo sua família passar necessidades demonstrou em lágrimas sua angústia diante de tanta tristeza [...] posso afirmar que um dos motivos dos saques foi justamente o atraso do pagamento da emergência. (Apud. José Valdir de Sousa, janeiro de 2007, informação verbal).

Esses movimentos de saques por vez representavam lutas de classes que combatiam as famílias opressoras e encontraram um modelo de resistência para reivindicar alguns direitos e estabelecer sua posição, mesmo em confronto com os poderes municipais conseguiam por meio do saque o mínimo que necessitavam para sobreviver.

### **3.4 Papel Feminino nas Frentes de Emergência: Cotidiano do Trabalho e Permanência Frente ao Patriarcado**

Nordestino antes de tudo é um forte. O fragmento que ficou imortalizado na escrita de Euclides da Cunha no livro Os Sertões faz uma apologia ao homem nordestino, que embora viva em condições climáticas e sociais adversas se mantém forte em seu ambiente hostil. Mas, as mulheres ao longo da história foram silenciadas, basta apenas lembrar a posição do Nordeste como arcaico e tendo a família patriarcal como modelo de vida. Ao longo das secas as mulheres buscavam garantir seus espaços, seja como matriarca que assumia a família com a ausência do homem, que em muitas vezes deixava o recinto em busca de trabalho nos

grandes centros ou administrando os mantimentos que tinha em sua casa afim de manter todos os moradores alimentados mesmo com o mínimo que o esposo conseguia. E por último a sua permanência nas frentes de emergência, para uma sociedade extremamente machista e conservadora não permitia que as mulheres mantivessem nesses espaços que antes eram apenas permitidos para homens que “naquela época, a mulher quando casada deveria pedir autorização do marido para trabalhar e isto estava previsto até no Código Civil, e mesmo autorizada, sofria discriminação por não estar fazendo os deveres domésticos”. (CARREIRO, FREIRE. p. 204, 2016).

A mulher que estuda parece abdicar dos deveres domésticos [...] toma uma posição falsa de desconfiança para a sociedade, que geralmente a julga inapta para exercer o elevado sacerdócio do lar. É este, pelo menos, o conceito que a grande maioria do nosso povo faz da mulher que ultrapassa as limitadas raias da ação concedidas ao seu sexo, no vasto campo da atividade intelectual! SER BOA DONA DE CASA, no entanto deve ser uma qualidade intrínseca da alma feminina, não importando se de uma doutora ou de uma engomadeira. (Apud. NOVAIS, 1998, p.402).

Segundo a michele de Perrot, a história não é somente a soma dos acontecimentos, mais também o que escreve dela, é inegável o esquecimento dos historiadores mais tradicionais das mulheres no processo histórico que se dá na escrita desses acontecimentos. A mulher nunca deixou de fazer história, mais foi escolhido não registrar suas falas, suas ações ou melhor sua história. O positivismo com sua escrita voltada para o oficial e a manutenção do poder nas mãos dos homens foi um dos motivos que levaram a mulher ao esquecimento, segundo a autora.

Uma razão importante para esse desatenção diz respeito a natureza de história assim como àquela que a escrevem. Os homens enquanto transmissores tradicionais da cultura na sociedade, incluindo o registro histórico, veicularam aquilo que consideravam e julgavam importante. Na medida em que as atividades das mulheres se diferenciam consideravelmente das suas, elas foram consideradas sem significação e até indignas de menção. Por isso as mulheres permaneceram à margem das principais relações do desenvolvimento histórico. (Apud. PERROT, 1981, p,14)

Essa visão machista de ver a história vem começar a receber as mudanças



necessárias nas escritas de alguns marxistas, que já mencionavam sua participação no trabalho como operárias. E vem ganhar mais força a partir da nova história social, com autores como Thompson, Natalie Zemon Davis, Christopher Hill. Que tinham como objeto de pesquisa os que antes eram os excluídos da história e que vem ganhar grande força a partir das lutas por igualdade de direitos das mulheres nos movimentos feministas na década de 70.

O cotidiano vem sendo amplamente estudado pelos historiadores o interesse pelos estudos do dia-a-dia pelas questões rotineiras que compõem os acontecimentos diários da vida, vão construindo rituais que celebrar o recinto doméstico, nas ruas, igreja e todo o sentido social e político dessas práticas. “O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia” [...] “o cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior” [...] “o que interessa ao historiador é o invisível ...” (Apud. CERTEAU, 1996, p 31). Segundo Duran as práticas existentes e Certeau mostra um homem ordinário que inventa mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando silenciosamente a essa conformação.

Esse a invenção do cotidiano se dá graças ao que Certeau chama de “artes de fazer”, astúcias sutis, táticas de resistência que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do seu uso ao jeito de cada um. Ele acredita nas possibilidades de a multidão anônima abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais numa liberdade em que cada um procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a violência das coisas. (DURAN, p,119, 2007).

Tomando como base Fischer e Albuquerque (s/d) vem mostrar que nessa sociedade os papéis e função estavam postos, a mulher enfrentava a dificuldade de gerenciar o alimento consumido diariamente, enquanto o homem tem a pesada tarefa de produzir e distribuir os gêneros alimentícios. Vale salientar que em períodos de seca extrema a escassez de alimentos era uma constante, nas refeições eram estabelecidos prioridades que contemplam as crianças e o marido, caso os filhos não fiquem satisfeitos, alguém que geralmente era a mulher doava seu alimento afim de manter os pequenos satisfeitos (s/d, p.9). Abaixo a entrevista de uma mulher que demonstra sua angústia por não conseguir manter as necessidades básicas atingidas.

Fico desesperada quando a comida não dá. Quando está na cozinha é quem sente a dor de cabeça, vendo o povo pra comer e a comida sem dar pra todo mundo. É difícil fazer uma sopa com a metade de um pacote de macarrão para dividir com 8 pessoas. Eu afino a sopa. Afino... mas não tem jeito. Os



filhos é de 13 e 15 anos, são comedores, não se conformam com pouco. Aí dá dor de cabeça. A parte da mulher esquenta muito. Se não usar bem com o juízo, se atrapalha. Brigo, reclamo o tempo todo. Reclamo para o marido e para os filhos porque não vou morrer calada. O marido pergunta: nós vamos fazer o quê? Aí ele sai pra comprar fiado. Quando ele consegue fico satisfeita. Só quem sabe o que tá precisando, se a comida vai dar, o que vai faltar é a mulher. Tem hora que olho pro velho, que tem mais idade do que eu, e digo: tu tá mais novo do que eu. Ele sorri e diz: é, você se aperreia muito. (Apud. Dona de casa entrevistada no município de Patos).

A mulher tinha que improvisar com os gêneros alimentícios de cesta básica doada pelo governo através do programa de emergência, que vinha 19 quilos assim distribuídos: 5 quilos de arroz, 5 de fubá, 2 de farinha, 1 de açúcar, 4 pacotes de macarrão e 2 latas de óleo vegetal. Para a dona de casa deveria poupar o mais tempo possível esses mantimentos aliado ao salário na emergência, apesar da má qualidade dos alimentos das cestas básicas conforme destaca todos os entrevistados (o fubá é ruim, o feijão vinha duro (foi substituído pelo fubá) e a farinha não presta), a família se mantém na sobrevivência alimentar por um mês. (FISCHER & ALBUQUERQUE. p. 12.s/d).

Com os estudos sobre o cotidiano segundo Certeau as relações são de embates entre os mais fortes contra os mais fracos e que segundo o autor através da tática o mais fraco conseguia igualar ou sobressair o mais forte. “Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar refeições etc.) são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte das “maneiras de fazer”. Vitórias do fraco sobre o mais forte [...] pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de caçadores, mobilidades da mão-de-obra”. (CERTEAU, 1994, p.47)

Para as mães sem maridos tinham a difícil tarefa de criar seus filhos sozinha, com a dinheiro enviado do marido para sua família, mais havia costumeiramente o abandono dos homens a suas esposas não mais voltando ou voltando apenas quando seus parentes haviam falecido, as esposas recebiam uma pequena ajuda financeira que com o passar dos tempos diminuía gradualmente até cessar.

As viúvas de marido vivo tornaram-se tão numerosas que passaram a ser cadastradas nas frentes de emergência para receber cesta básica. Ainda que eventualmente se unissem a novos companheiros, coube a essas mulheres. Enfrentando grandes dificuldades, pois quase nunca possuíam qualquer qualificação profissional, exceto experiência com a pequena agricultura. (Apud. MENEZES, MORAIS. 2002. p.42-43).

As mulheres flageladas em desespero em alguns casos chagavam a

assumir atitudes que antes eram comuns aos homens tendo como principal motivação a sobrevivência de seus filhos. Um caso singular era apresentado no Diário da Borborema na cidade de Diamante no alto sertão paraibano.

A cidade de Diamante, no alto sertão paraibano, foi invadida ontem por flagelados da seca, que arrombaram o Posto Médico da cidade, onde eram guardados medicamentos gêneros de Programa de Assistência Materno-Infantil. Todos os mantimentos armazenados foram levados pelos agricultores famintos. O grupo que invadiu Diamante tinha a frente aproximadamente 60 mulheres que justificavam o saque à repartição do Governo do Estado, alegando que não podia deixar seus filhos morrer de fome, já que a vários dias não tinham alimentos. (Apud. DIÁRIO DA BORBOREMA, p. 3, 03 de maio 1980).

Para amenizar os efeitos dos conflitos existentes em todo o Nordeste neste período algumas instituições religiosas mandam mantimentos para a população que sofre com a seca, caso estampado nos jornais da época. Diaconisa envia mais ajuda para a população de Pocinhos PB, conforme informação do prefeito Sr. José Pereira do Nascimento em comunicado que fez aos associados de Campina Grande, o chefe do executivo daquele município que recebeu da diaconia recentemente centenas de sacos de fubá, 900kg de leite. Além de 500 roupas para crianças. (IDEN, p.2, 01 de junho de 1971).

Como já foi mencionado na década de 70 e 80 o modelo trabalho ainda era extremamente ocupado pelos homens mais que aos poucos as mulheres conseguiam se adaptar ao ambiente e manter-se com o emprego. Até a década de 1960, convenção de referência ao trabalho não remunerado em casa como algo que não era realmente trabalho ajudou a destruir o conhecimento que as mulheres de sua tradição de labuta. Essa tática passou a ser inútil quando os homens reconheciam como masculinas, ou seja, trabalho digno de ser remunerado. (Apud. WOLF, 1992.p,30)

A luta da mulher para se manter nas frentes de serviço não era diferente apesar da grande maioria ser pertencente de uma classe social inferior ela conseguia aos poucos se manter no trabalho e assim complementar a renda da família, muitos eram as reclamações que proliferavam pelo interior da Paraíba apontando as dificuldades em receber os pagamentos junto as formas de alistar-se, que para a mulher era dificultado.

As mulheres estão impedidas pela Emater de se alistarem nas frentes de trabalho da emergência da seca, mesmo que sejam as chamadas moças-velhas, viúvas ou mulheres sem marido, que tenham a responsabilidade de manter a família” denunciou ontem na Assembleia o deputado José Lacerda, afirmando: “É um processo discriminatório e injusto. Será que essas mulheres

também não têm estomago? E os filhos não precisam comer? Depois de revelar que até as mulheres que se encontram com seus maridos incapacitados ou hospitalizados estão impedidas de se alistarem na Emater para manterem seus dependentes, o parlamentar disse que já levou esse fato ao conhecimento do próprio governador do Estado, que se comprometeu a tentar recursos para providenciar o atendimento desse pessoal, no entanto já decorreram dois meses e a situação permanece a mesma, forçando a que as mulheres peçam esmolas. (Apud. DIÁRIO DA BORBOREMA, p. 3, 08 de ago. 1980).

Quando conseguiam a matrícula na “cachorra magra”, em grande medida a mulher trabalhava próxima ao marido ou em mutirões formados apenas por mulheres e tinham entre suas principais atividades a limpeza de barragens e açudes, preparo da terra para plantio entre outras atividades ligadas ao campo. Segundo Wsiel Souto as condições de trabalho eram exaustivas o que faziam as mulheres que nesse período as “frentes” começou a perder interesse pois, muitas das mulheres começavam a desenvolver doenças devido à sobrecarga de trabalho que requeria grande força física do qual muitas das mulheres não estavam acostumadas. (SOUTO, p,41. 2017).

As mulheres além de desempenhar atividades nas frentes de trabalho eram donas de casa e muitas delas tinham muitos filhos. A entrevistada que trabalhou nas frentes de emergência relata como usou das astúcias apontadas por Certeau (1994) para conseguir manter uma casa numerosa e manter-se recebendo o salário.

Na época que estava inscrita na “cachorra magra” era difícil manter-se no emprego, porque agente que tem muito filho é complicado. Tem que dar conta de casa e dos meninos e do serviço da emergência. Mas, como tinha uns meninos mais velhos de 12 a 13 anos. Quando eu não podia ir ao trabalho eles ia e fazia o meu serviço. Tinha pena porque eram pequeninos mais nesses tempos não existia no que trabalhar e todo mundo tinha que se virar como podia (dona de casa M/J. Informação verbal. Dezembro de 2018).

Uma questão ainda presente apesar de antiga, é o da invisibilidade do trabalho feminino, está relacionado as marcas registradas da mulher tanto a invisibilidade quanto a dissociabilidade do trabalho feminino estão presentes nas unidades familiares de produção, em que o trabalho feminino é complementar, acessório e de ajuda, tal concepção tem bases culturais numa divisão sexual do trabalho na qual cabe, basicamente, ao homem a função de provedor, ficando a

mulher os encargos maternos e domésticos.

A separação entre os homens e as mulheres se dava até na divisão dos trabalhos, os mutirões de alistados eram separados por sexos, no das mulheres eram permitidos as crianças. Entre as atividades que as mulheres desempenhavam da zona rural, a limpeza de açudes e de tanques para a espera de novas chuvas, limpeza de área de plantio e semeadura das lavouras. A imagem a seguir mostra um desses mutirões compostos apenas por mulheres em áreas de zona rural.



**Imagem 1:** Frente de trabalho composta só por mulheres, 1993

**Fonte:** Arquivo pessoal.

Na imagem é notada a presença de crianças, isso era comum pelo fato de que as mães não tinham com quem deixar seus filhos para trabalhar, o que mostra segundo Gomes que os espaços nas frentes de trabalho não eram apenas angústias e sofrimento, no trabalho essas mulheres trocavam conversa, informações a respeito do próprio trabalho planejavam futuras paralizações devido ao atraso no pagamento dos salários o que gerou grande desespero para os emergenciados, o que ainda diminuía os conflitos existentes por conta dos atrasos eram as cestas básicas que eram dadas a classe mais necessitada, uma mulher que trabalhou na década de 1980 relata.

Eu fui alistada na “cachorra magra” a maioria do Arruda, lá agente limpava tanque e limpava mato mais se o dinheiro o povo ficava brabo, eu era nova e via as pessoas brigando por conta dos atrasos. Confusão maior ainda era quando o governo mandava as feiras para o povo mais necessitado. Eu saia pra ir pra vila de madrugada quando chegava no lugar onde seria entregue as

feiras já estava cheio de gente. Eu só fazia rir vendo o povo brigando lá por conta das pessoas que furavam filas ou quando as cestas básicas não eram suficientes para todos. Quando isso acontecia as população tomava de desespero e começavam a brigar com os funcionários que entregavam os mantimentos. Na época a fome era grande porque o feijão que era dado “nem cachorro comia” tinha que ficar três dias cozinhando na panela de barro pra poder ficar bom de comer, quando o feijão era muito dura agente batia o grão no pilão pra ele amolecer. O povo comia porque não tinha outro (trabalhadora da frente de emergência M/A. informação verbal, novembro de 2018).

Segundo as informações passadas o quadro de miserabilidade era enorme onde a mulher sofria muito com tudo segundo uma trabalhadora que estava inscrita na seca de 70 que ficou imortalizada no imaginário da população do cariri paraibano relata.

A fome nesse tempo era grande lá em casa agente era rico porque meu pai criava gado leiteiro e fazia queijo, mas tinha muita gente que passava fome o dinheiro da cachorra magra era pouco e nas casas um monte de menino [...] na casa da comadre de mãe quando sobrava um pouco de leite eu ia com minha mãe dar pra família jantar. Quando chagava na casa uma tapera a dona da casa recebia com a maior felicidade do mundo, já tinha se esforçado para conseguir alimentar os filhos. Sabe o que o povo comia nesse tempo? Era angu puro feito na água e sal e a noite do mesmo jeito. O leite pra esse povo que passava necessidade era o caldo do feijão. (Dona de Casa M/J informação verbal novembro 2018).

Medidas silenciosas de resistências eram feitas como a própria sabotagem que era cometido entre uma das entrevistadas, apesar do medo de serem pegas essas mulheres quebravam equipamentos em resposta aos atrasos de salários ou usavam as mais comuns das astúcias, a popularmente chamada de corpo mole, em que a trabalhadora fazia seu trabalho de forma improdutiva aumentando o tempo para o fim de um serviço e causando prejuízo para as propriedades que eram contempladas com a mão de obra barata. Segundo informação da trabalhadora.

Quando o salário demorava pra sair agente se combinava umas com as outras e jogava algumas ferramentas no mato, ou quebrava alguma máquina do governo pra ver se eles acordavam e via a nossa situação. O povo morrendo de fome e sem receber nenhum real.

Agente fazia corpo mole, porque ninguém é besta pra tá trabalhando de graça aí pra não perder o emprego a gente ficava por ali só tapeando quando o supervisor passava nós fingia estar trabalhando logo depois voltava a não fazer nada à espera do pagamento (mulher que trabalhou na frente de emergência, informação verbal. Novembro de 2018)

Mais nem todas as mulheres tinha coragem de enfrentar esses meios de resistências, muitos tinham medo de serem prejudicadas e perderem o emprego. O fato de existir uma fiscalização federal quanto local, ou seja, municipal não se fazia

muito rígida, no entanto era um trabalho obrigatório. Porém a necessidade fazia com que as mulheres desenvolvessem seu trabalho sem fugir da responsabilidade assumida diante do programa, ou seja participavam de livre e espontânea vontade o medo de perder o trabalho e não ter como sobreviver era bem maior. A falta dessas quase não era percebidas dentro do município.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A História das pessoas que antes eram silenciadas, com suas memórias esquecidas vem à tona a partir das História vista de baixo que seu destaque ao papel dos trabalhadores e trabalhadoras rurais que viviam nesses períodos de seca o presente trabalho buscou mostrar o lado dos excluídos ou dos silenciados. A História Vista de Baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar. Mas também, vem a ampliar a política da corrente principal que é ainda aceito nos estudos históricos. (BURKE, 1992, p 62).

Como as políticas de combate à seca construíram uma indústria das secas que é discutido até hoje através de suas permanências e descontinuidades, ao longo do trabalho vimos a imposição da elite opressora frente a população atingida, mais que toda relação de poder é negociado parafraseando Foucault, os oprimidos mesmo que silenciosamente colocavam sua imposição de seus costumes e tradições as classes dominantes.

Foi levado em consideração a mulher nesse movimento e a sua relação cotidiana nesse programa desde seu papel indireto ainda em sua residência ou participando ativamente nas frentes de trabalho sua relação entre as imposições do trabalho cansativo e os meios de conseguir reivindicar alguns direitos como a salário pago sem atrasos, sua conquista em um espaço antes dominado pelos homens.

A FEMININE WORK: THE DUTY OF WOMEN IN EMERGENCY FRONTS IN PARAÍBA IN THE YEARS OF 1978-1988.

**ABSTRACT**

Drought in the Northeast has always been a model of social relations between the richest and the dependents of the sending of funds to reduce the effects of droughts, this phenomenon will be used to maintain an oligarchic elite with the control of the subaltern classes, from the fronts of emergency created by the Union we will be able to see how the relations of power were between the parties involved those who benefited from the program and those that were left out. And the feminine role in this movement using its labor force in spaces that were previously not accepted due to the social context of the time. How the woman managed to use guile to keep her income guaranteed and how these spaces of sociability were given throughout the interior of Paraíba, especially in the city of Soledade-PB in the 1970s and 1980s.

**KEYWORDS:** Drought, Emergency Fronts, women.



## REFERÊNCIAS

Adilson Filho, José (org). **Poder local Educação e Cultura em Pernambuco.** Jundiá, Paco Editorial: 2014.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes.** 5. ed. Cortez. São Paulo, 2011.

~~Atuação do Estado Brasileiro no Combate à Seca no Nordeste e Ampliação das Vulnerabilidades Locais.~~ Revista eletrônica ISSN 1677 4280 Vol.8. No 2, 2009.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: Novas Perspctivas.** São Paulo. Ed. UNESP, 1992.

CAMPOS, Nivalda Aparecida. **A GRANDE SECA DE 1979 A 1983:** Um Estudo de Caso das Ações do Governo Federal em duas Sub-Regiões do Estado do Ceará (Sertão do Central e Sertão dos Inhamuns). Teoria e Pesquisa 44 e 45, Campinas, 2004.

CASTRO, Lara. **“Cassacos”:** trabalho, cotidiano e conflitos nas frentes de serviços **Na Bahia e no Ceará (1945-1962).** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção Cotidiano:** 1. Arte de fazer. 9 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

DURAN, Marília Claret Geraes. **Maneiras de Pensar o Cotidiano Com Michel de Certeau.** Curitiba, diálogo Educ. 2007.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Raízes da Indústria da Seca: O caso da Paraíba.** João Pessoa. ed. UFPB, 1993.

Flávio Carreiro de Santana, Luíra Freire Monteiro (orgs.) **História: Leituras do Passado, Escritas do Presente.** João Pessoa. ed. ideia, 2016.

FISCHER, Izauro R. e ALBUQUERQUE, Lígia. **A mulher e a política emergência da Seca no Nordeste do Brasil.** Fundaj, Recife, 1998.



JARDIM e PIEPER. Rejane Barreto e Jordana Alves. **APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS: História Social, História Cultural e a Perspectiva de Gênero.** METIS, Revista Eletrônica. 2010

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião: S U D E N E, Nordeste. Planejamento e conflito.** 3a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

RODRIGUEZ, Maria da Conceição Alves(org). **A FLOR DO CARUÁ: Narrativas sobre uma Cidade Paraibana.** Ed, única. Campina Grande-PB: Eduepb,2016.

Santa Rosa Matos, Marcos Paulo. **Famílias Desagregadas Sobre a Terra Ressequida: Indústria das secas e Deslocamentos Familiares no Nordeste do Brasil.** ed. Nômadas, Universidade Complutense de Madrid. Madrid, Espanha, 2012.

SILVA, Joseildo Vicente da. **A Importância da História Social do Trabalho [manuscrito]: A Luta do Homem do Campo em Busca de Sobrevivência Durante a Seca de 1990 no Município de Soledade-PB.** Trabalho de Conclusão de Curso- Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2015.

SILVA, Josinaldo Gomes da. **Historiografia Paraibana: Olhares sobre a Seca.** ANPUH-PB. Campina Grande, 2014.

SILVA, Renan de Oliveira. **PROGRAMA DE EMERGÊNCIA PARA O COMBATE AOS EFEITOS DA SECA NO INTERIOR DA PARAÍBA (1979-1983): FALAS DE SALVAÇÃO E EXCLUSÃO.** Trabalho de conclusão de curso Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

SOUTO, Wsiel Lopes de. **A MULHER CUBATIENSE FRENTE AO PROGRAMA FRENTE PRODUTIVAS DE EMERGÊNCIA ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 1990.** [Manuscrito]. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual da Paraíba Campina Grande,2017.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum.** Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

THOMPSON, E. P. **Formação da Classe Operária Inglesa vol. 3. A força dos Trabalhadores.** ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.